

**CRÍTICA E PROJEÇÃO: A CULTURA NACIONAL NO PENSAMENTO DE
TOBIAS BARRETO**

**CRITICAL AND PROJECTION: A NATIONAL CULTURE IN THOUGHT OF
TOBIAS BARRETO**

Me. Aruanã Antonio dos Passos (UEG/UFG)

Doutorando em História (UFG). Docente do curso de História da UEG, UnU - Jussara.

aruana.ap@gmail.com.

74

RESUMO: O trabalho busca analisar a crítica de Tobias Barreto (1839-1889) à identidade e cultura nacional. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o pensador sergipano busca construir um projeto de nação enfeixado por uma influência e defesa do modelo germânico de cultura em oposição a hegemonia do modelo francês. Sendo assim, de que maneira esse projeto guarda em si características de absorção da própria dimensão identitária nacional em contraposição e/ou absorção do imaginário que se tem do “outro”? Ou seja, quais as relações estabelecidas em sua obra entre o “nós” e “eles”, tendo em vista, que o outro aqui possui a ambivalência de dois modelos distintos? Como funciona esse jogo de análise, interpretação, (re)significação das características culturais de franceses e alemães frente a necessidade de construção da distinção, tanto no plano individual quanto coletivo? Essas serão algumas das questões a serem discutidas e que ao nosso ver, são indispensáveis para se pensar a interpretação de Brasil proposta pelo movimento da Escola de Recife e de seu “pai fundador”.

PALAVRAS-CHAVE: identidade/alteridade; nação; Escola de Recife; Tobias Barreto.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the critical Tobias Barreto (1839-1889) the national identity and culture. To do so, we start from the assumption that the Sergipe thinker seeks to build a national project bundled with a Germanic influence and advocacy culture model as opposed to the hegemony of the French model. So, how this project keeps itself absorption characteristics with the national identity dimension in contrast and/or absorption of imagery that has the "other"? That is, what are the relationships established in his work between "us" and "them" in order that the other has here the ambivalence of two different models? How does this game analysis, interpretation, (re)signification of the cultural characteristics of French and German forward the necessity of constructing the distinction, both the individual and collective levels? These are some of the issues to be discussed and in our view, are essential to think about the interpretation of Brazil proposed by the movement of the School of Recife and its "founding father".

KEYWORDS: identity/alterity; nation; School of Recife; Tobias Barreto.

O Brasil da segunda metade do século XIX foi profundamente marcado por uma efervescência cultural e intelectual determinante e própria da chamada crise do Império e sua transição para a República. Como assinala Alfredo Bosi a partir de 1868 a estabilidade do

Segundo Império foi abalada definitivamente e sua crise culminaria com a Abolição dos escravos e a proclamação da República¹. Diversos movimentos culturais e sociais demarcavam a paisagem de fundo dessas manifestações intelectuais. É a época da predominância da influência da cultura francesa no país, do desenvolvimento da imprensa, da luta contra a escravidão, contra a monarquia e contra o atraso do país em relação ao resto do mundo, principalmente o mundo chamado “civilizado”: eminentemente o mundo europeu.

O século XIX não foi apenas o século da História. Também foi o século do rompimento com a tradição. Tradição aqui entendida, principalmente em duas vias: a via política (o império) e a via cultural. Nesse último aspecto o panorama cultural impunha aos intelectuais brasileiros o desafio de pensar a identidade e o caráter nacional. Dessa forma o país oscilava entre a influência de modelos culturais estrangeiros, principalmente o europeu e a construção de um movimento cultural autenticamente brasileiro. Renato Ortiz, ao estudar as teorias raciais do século XIX com base em Sílvia Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, afirma que “o que se propõe os intelectuais do período é a construção de uma identidade de um Estado que ainda não é”².

Romero chega ao Rio, ainda, trazendo consigo a influência de um grupo de autores e de um mestre: a Escola de Recife e Tobias Barreto. A Escola do Recife, da qual Barreto foi figura central, significou, como ressalta Saldanha, um esforço para pensar o país, e tanto Romero quanto Barreto salientaram a necessidade de buscar soluções para os problemas brasileiros a partir da análise da índole nacional³.

Ora polemizando com os “centros” políticos e culturais do Brasil agrário do século XIX, esses juristas, poetas, filósofos, críticos, políticos, ora estabelecendo um diálogo direto com outros modelos estrangeiros que não apenas o francês, esses intelectuais foram responsáveis por múltiplos debates que iam da literatura estrangeira anglo-saxã à filosofia alemã passando pela música e poesia nacional.

Nesse contexto Tobias Barreto se destaca e passa a ser considerado por muitos como o mais ilustre dos membros da escola. Em primeiro lugar por sua capacidade intelectual

¹ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.222.

² ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. In: Cadernos CERU, nº 17, 1982, p.34.

³ SOUZA, Ricardo Luiz. *Método, raça e identidade nacional em Sílvia Romero*. Revista de História Regional, 9(1): 9-30, 2004, p.11.

⁴ Veja-se principalmente o texto de Tobias Barreto, *Nota sobre a literatura da América do Norte (1886)*, onde Tobias traça um panorama geral da tendência assumida por essa literatura e que é chamada de *yankeeísmo*, ou seja, o caráter nacional que passa a definir a literatura na América do Norte. Cf: BARRETO, Tobias. *Crítica Literária*. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978, p.50.

reiterada não apenas por Sílvio Romero, também por diversos biógrafos e comentadores de sua obra: visto como, “boêmio, revoltado, amigo de polêmicas, sua vida foi uma série de atropelos e desafios”⁵. E no campo das ideias Tobias Barreto exerceu de forma marcante os espaços por onde passou e os diversos laços sociais que estabeleceu como professor, como escritor, como político, como polemista, como abolicionista.⁷

Os estudos sobre o pensamento brasileiro da segunda metade do século XIX constituem numa tradição já bastante explorada nas ciências sociais e na História. Como ressalta José Murilo de Carvalho diversas abordagens se destacam. Das que enfatizam correntes de pensamento até as que defendem uma abordagem sociológica onde as ideias são vinculadas as classes e grupos sociais emergentes, as perspectivas são variadas. Um dos principais estudos em torno do movimento de ideias da intelectualidade nesse momento histórico é a tese de Angela Alonso sobre a geração de 1870 e seu papel na crise do Império.⁸ Através de uma sociologia das ideias da geração de 1870 Angela Alonso prioriza uma percepção das variadas ideias onde as divergências são relegadas a um segundo plano em nome de uma relação elementar, “estruturante” entre o contexto social e a própria existência de determinadas ideias.

Sabemos que a constituição da elite política imperial foi bastante tributária dos bacharéis e letrados. No movimento de ideias e ideais da segunda metade do século XIX e concentrados na chamada geração de 1870, a relação estabelecida com o Império é bastante irregular. Em muito as ondas de racionalização e crítica a um sistema político fadado a crise que é acelerada, segundo Angela Alonso, pelos diversos intelectuais da geração de 1870 e pelo *status* do intelectual⁹. Para José Murilo de Carvalho: “Tanto as ideias e valores que

⁵ Destacamos: Hermes Lima, Evaristo Moraes Filho, Clóvis Beviláqua (integrante da escola de Recife), Gilberto Amado, Paulo Dantas.

⁶ COSTA, João Cruz. *O Pensamento Brasileiro sob o Império*. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *O Brasil Monárquico*. Vol.3: Reações e transações. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p.339.

⁷ Sob o aspecto do movimento abolicionista a bibliografia atinente a participação de Tobias Barreto não é unânime. Alguns autores como Evaristo de Moraes Filho afirma que Tobias Barreto chegou a “ficar para trás, superado e hesitante, perdido entre os livros” mesmo sendo mulato e tendo vivido o preconceito quando tentara se casar. In: FILHO, Evaristo de Moraes. Op. cit, p.144. Já Angela Alonso em trabalho recente sobre Joaquim Nabuco evidencia um episódio interessante onde: “Com José Mariano, fundou a Sociedade Pernambucana contra a Escravidão e foi à Escada, encontrar Tobias Barreto. Os três pediram aos proprietários locais a alforria de seus escravos e denunciaram o uso de açoites – agora ilegal – ao presidente da província”. In: ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.215.

⁸ ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁹ Em torno do prestígio das profissões liberais que contém em si grande parte dos intelectuais, “apenas, no Brasil, se fatores de ordem econômica e social – comuns a todos os países americanos – devem ter contribuído largamente para o prestígio das profissões liberais, convém não esquecer que o mesmo prestígio já as cercava tradicionalmente na mãe-pátria”: In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 29.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.157.

predominavam entre a elite, como as instituições implantadas por esta mesma elite mantinham relação tensa de ajuste e desajuste”.¹⁰

Isso pode ser compreendido porque a geração de 1870 foi constituída por intelectuais “marginalizados” da política imperial. Um estrato social letrado formado por profissionais liberais, jornalistas, bacharéis que “para exercer sua insatisfação, buscaram espaços de protesto na nova imprensa e procuravam doutrinas que os ajudassem a criticar a situação desvantajosa em que vivenciavam e que legitimassem seus anseios de mudança (...)”¹¹, não gratuitamente para Sílvio Romero, Tobias “ficou (...) como o mestre injustiçado; o provinciano esquecido a ser resgatado”.¹²

Assim com a construção de identidades, tanto individuais, quanto coletiva são tarefas que se intensificam no século XIX, também as noções de cidadania e cultura nacional pertencem a esse contexto. Dessa maneira é recorrente nas ciências sociais e nos estudos sobre o Segundo Império a idéia de que neste período da história do Brasil foram construídos diversos conceitos que orientam o que entendemos por Nação e povo brasileiro.¹³ Nesse contexto Sílvio Romero demarca a posição da Escola de Recife em texto de datado de 1900, “*Explicações indispensáveis*”, escrito para as *Obras Completas* de Tobias Barreto e organizadas por ele:

Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não tem mais o sabor da novidade, nos lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola de Recife. Tobias foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rápida de que era dotado¹⁴.

Tanto para Tobias Barreto quanto para Sílvio Romero a capital Federal e a Corte representavam a face “sombria de toda sorte de males” que afetava a vida na época e as das muitas polêmicas ressaltamos a crítica de Tobias Barreto a José de Alencar tendo em vista que

¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.417.

¹¹ ALONSO, Angela. Op.cit. p.87.

¹² Idem, ibidem, p.11.

¹³ Sobre o assunto é fundamental destacar o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para a construção do Estado-Nação brasileiro no século XIX. Ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Nacional*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 1, 1988.

¹⁴ ROMERO, Sílvio. *Explicações Indispensáveis*. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol.X: Vários Escriptos, Edição do Estado do Sergipe, 1926, p.XXVII.

Alencar se transfere do Nordeste para o Rio de Janeiro: “o renome literário, de que se acha apossado o Sr. José de Alencar, é um dos mais claros sintomas do nosso estado de inanição e marasmo intelectual”.¹⁵ Visualizamos a crítica à cultura nacional materializada na corte de modo diminuto em apenas dois poemas: *Decadencia!* (1870) E *O rei reina e não governa* (APOLOGO – 1870):

Nós já não temos caracteres nobres,
Nem voz, nem sombra de Catões e Grachos:
O céu tem pena de nos vêr tão pobres,
O mar tem raiva de nos vêr tão fracos.

Por que não te ergues, oh Brasil fecundo,
Por vastas ambições, por fortes brios?...
Que gloria e esta de mostrar ao mundo,
Em vez de grandes homens, grandes rios?...

Basta selvas, um céu azul imenso,
Que os corações em flôr bafeja e rega;
Uma terra abraçada como incenso,
Que do sol no thuribulo fumege?

Nada Val, se não há quem se ofereça
Para d'alma arrancar-te o negro espinho...
Tudo em baixo!...não surge uma cabeça
Em que as altas ideias façam ninho!...

Donde é que teu primor, pátria, derivas?
Por que ao orgulho ingênua te abandonas?
Ai!...as outras nações dizem altivas:
Pitt, ou Bismarck; e nós?...o Amazonas!...

O sceptro é nullo; e os ânimos languescem
A indiferença no pesado somno...
Não vêm as horas em que as águas crescem,
E a onda morde na raiz do throno...

Que o povo falle, isto é, prenda na bocca
A escuma, a raiva, o fel dos oceanos
E a braza dos vulcões! Matéria pouca
Para cuspir na face dos tyrannos...

Tyrannos? Sim, que matam o progresso,
Que suffocam a luz e o direito,
Para quem toda ideia é um excesso!...
Não ha mais fogo do Brasil no peito!...

¹⁵

BARRETO, Tobias. *Crítica Literária*. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978, p.12.

Percebemos claramente a crítica cultural que tornaria Tobias conhecido e falado nos meios intelectuais de Recife. Já em *O rei reina e não governa* a tônica é a parábola do reino animal como metáfora da organização política e social humana:

O rei reina e não governa
(APOLOGO – 1870)

Não sei porque a lingua humana
Os brutos não fallam mais,
Quando hoje tem melhor vida,
E há muita besta instruída
Nas sciencias sociaes...
Ultimamente entenderam
Que tinham também razão
De proclamar seus direitos,
Pondo em uso os bons effeitos
Que trouxe a Revolução...

“Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional;
Com assembléas mudáveis,
Com ministros responsáveis,
Não nos póde fazer mal.

Fiquem-lhe as garras occultas,
Não ruja, não erga a voz,
Confrome a these moderna
Qu’elle reina e não governa,
Quem governa somos nós...

Todas as bēstas da terra,
Todas as bēstas do mar
Tenham seus delegados,
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar...”

“Muito bem! Grita o macaco,
A gente vai ser feliz!
Respeito a sciencia alheia;
Publicista de mão cheia,
O burro sabe o que diz.

Todavia, acho difficil
Que Dom Leão rugudor,
Sujeito á sede e á fome,
Queira ter sómente o nome
De rei ou de imperador!...

Acostumado a pegar-nos
Com suas patas reaes,
Calar-se fingir-se fraco!...
Segundo penso eu...macaco...
Dom Leão não póde mais!”

Acode o asno: ‘eu lhe explico,

Nada Val a objecção:
Se o rei viola o preceito,
Salvo nos fica o direito
De fazer revolução”.

“Mestre burro, isto é asneira,
Palavrão de zurrador,
Esse direito é fumaça;
De que nos serve ameaça,
Quando nos falta o valor?

Só vejo, que bem nos quadre
No throno, algum animal,
Que coma e viva deitado:
O *porco!*.... Exemplo acabado
De rei constitucional....”

Essa vontade de contestação a procura de um espaço no universo intelectual brasileiro é exemplarmente denotado no percurso intelectual de Tobias Barreto com pelo menos três fases distintas. A primeira marcada pela passagem do ecletismo espiritualista e o positivismo para o naturalismo de Haeckel e Ludwig Noiré em 1869 tendo como texto emblemático “*Sobre a religião natural de Jules Simon*”. A segunda é caracterizada pelo germanismo defendido por Tobias frente o predomínio da cultura francesa no Brasil.

Segundo Hermes Lima o germanismo era a erudição de Tobias fazendo-se arma: “Para irritar o burguês com uma nota mais ostensiva de superioridade, abria freqüentemente seu luminoso leque de pavão: o germanismo. Um dos periódicos redige-o mesmo em alemão, o *Deutscher Kampf*. Era um luxo, uma extravagância”.¹⁶ E nas palavras do próprio Tobias: “Já o declarei com toda franqueza: no presente escrito, a Alemanha é o centro das minhas operações, é o meu ponto de partida, o meu *terminus comparationis*”.¹⁷

Em muito Tobias identificava o Brasil com a Alemanha sob alguns aspectos. Na segunda metade do século XIX a Alemanha vive seu momento de unificação sob o comando de Otto Von Bismarck, enquanto o Brasil abandonava gradualmente a escravidão e o passado “feudal”¹⁸, modernizava-se gradualmente. No entanto a admiração pela Alemanha ganhou contornos de germanofilia: “Isolou-se em Escada com os olhos fitos em Berlim. Ali acabou de aprender alemão, sozinho como começara. Vencedora de guerra, unificada, poderosa e em

¹⁶ O *Deutscher Kampf* (“Lutador Alemão”) teve vida curta e pouca repercussão. Tobias o produziu em Escada no interior de Pernambuco. Uma tradução dos exemplares se encontra em BARRETO, Tobias. *Monografias em Alemão*. São Paulo: Record, 1990. Cf: LIMA, Hermes. *Tobias Barreto (a época e o homem)*. Segunda Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p.26.

¹⁷ Idem, ibidem, p.85.

¹⁸ LIMA, Hermes. Op. cit., p.116.

plena fase de industrialização, a Alemanha, pela voz de Haeckel, acolhera o evolucionismo ruidosamente”.¹⁹ Ainda assim o lugar de sua germanofilia pode ser considerado como um norte para o Brasil:

A verdade, no entanto, é que sempre foi nacionalista e muito amou este País como poucos, procurando lhe chamar a atenção para os seus defeitos e para o seu atraso, medindo-o pelo avanço de outras nações, principalmente da sua querida Alemanha, nem sempre compreendendo as dificuldades, se não a impossibilidade, dessa aproximação, devido aos desníveis de desenvolvimento econômico e social.²⁰

A partir do contato com a filosofia alemã Tobias começa a realizar uma crítica mais madura e apurada do positivismo de onde emerge o culturalismo. Cobrindo os seis últimos anos de sua vida as suas teses sobre a cultura encontram aqui sua formulação mais clara e precisa. Segundo Pedro Calafate “um dos temas mais relevantes da obra de Tobias é certamente o da Cultura, na linha daquilo a que seus posteriores analistas, com relevo para Miguel Reale e António Paim viriam a designar como o culturalismo brasileiro”.²¹

Nesse sentido, no interior da teoria da cultura formulada por Tobias percebe-se que o centro nodal é o seu interesse pela raiz moral das ações humanas. De uma maneira geral a cultura passa a ser para os culturalistas “um a priori no qual o homem edifica existência singular”²². Por isso para Tobias a cultura é um modo de edificar uma sociedade mais justa e democrática²³. Não à toa sua crítica se mostra em diversos momentos, muito áspera diante da condição do Brasil nesse momento. O criticismo para Tobias Barreto fora um modo de impor desafios numa tarefa que ele não abandona desde a fundação da escola de Recife até a sua morte: provocar o movimento, a ação contra o ostracismo intelectual que reinava em seu meio.²⁴ Certamente essa era a tônica que encontra ressonância nos versos sobre o gênio que aparecem frequentemente em seus poemas. A ideia do gênio (engenho) capaz de vencer toda adversidade, como no bastante citado *O gênio da Humanidade* escrito quando Tobias tinha 27 anos:

Sou eu quem assiste às luctas,

¹⁹ Idem, ibidem, p.254-5.

²⁰ FILHO, Evaristo Moraes. Op. cit. p.173.

²¹ CALAFATE, Pedro. *O pensamento filosófico de Tobias Barreto*. p.39.

²² CARVALHO, José Mauricio de. Op. cit. p.89.

²³ Idem, ibidem, p.90.

²⁴ Podemos estender o comentário de Angela Castro Gomes sobre a obra de João Ribeiro a Tobias Barreto: “Brasil é este país ‘vagaroso’ por força mesmo de sua grandeza material, que dispersa energias e exige imenso esforço de coordenação”. In: GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p.110.

Que dentro da a'lma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quis ver dos céos o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometheu;
Tive sede do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céu se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os amres dizem: passai!...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do bello,
Todas as fôrmas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Izaías propheta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Têm seis mil annos de dor:
Entrei por todas as porás
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corsel,
E ainda sinto os resabios
Dos beijos que dei nos labios
Da prostituta Babel.

E vi Pentapolis núa,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: eu sou tua,
Beija-me...queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ancias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Labios em brazas de amor!...

Travei-me em luctas immensas,
Por vezes, calçado e nú,
Gritei ao céu: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho...e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da historia, que é minha irmã:
Chamem-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrella da manhã

E no meu canto solemne
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perenne

Crepusculo interior,
O ímpio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E ás tempestades que abalam
AS crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao imenso ouvido
A Humanidade é um tropel,
E a natureza um ruído
Das abelhas com seu mel,
Das flores com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que echoam
No fundo do coração!...

Provocar o movimento fora no século XIX o grande lenitivo dos intelectuais que buscaram afirmar uma cultura nacional frente a outras nações. Essa necessidade foi fortalecida pela proclamação da República e o forjamento de símbolos e heróis que veio com ela. Aos nossos olhos tanto a Escola do Recife e Tobias Barreto caminharam nessa direção. Por isso, o aparente paradoxo se dissolve: porque a poesia de Tobias apresenta-se como exaltação de tudo que constituída o nacionalismo oitocentista? Como era possível que o poeta estivesse tão distante do filósofo e do professor de direito? Toda uma seção de *Dias e Noites* é dedicada aos poemas “patrióticos” e são emblemáticos de um amor à pátria digno da mais alta honra. Percebemos isso claramente nos poemas escritos no calor da empreitada brasileira no Paraguai. Percebemos claramente que Tobias constrói um panorama da sensibilidade popular Pernambucana diante do movimento da guerra. Á vista do Recife (1862) marca uma ode à cidade que o acolhera por duas vezes:

Á vista do Recife
(1862)

É a cidade valente
Brio da altiva nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma imensa explosão:
De pedra, ferro e bravura,
De gloria, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão?

Magoas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó!
Raça das Romas tombadas,

Das Babylonias em pó,
Quer ter louros que reparta;
Vencer, morrer não na farta...
Grande, d'altura de Sparta,
Affronta o mundo Ella só!...
(...)

O tom grandiloquente e épico dialoga com os cânones de exaltação à nação típicos do momento de afirmação das nacionalidades. Nesse aspecto a guerra era lugar privilegiado para que Tobias assumisse um lugar social de destaque. Almejaria conquistar os corações frente aos desafios e dores da guerra? Por certo, que acompanhou todo o processo de engajamento da província pernambucana na Guerra do Paraguai e isso fica claro nos poemas: *Os voluntários Pernambucanos* (1865), *Partida de Voluntários* (1865), *Caxias e Herval*, (1868), *Queda de Assumpção* (1870), *Fim da Guerra* (maio de 1870):

84

Os voluntários Pernambucanos
(1865)

(...)
No coração desta gente
O bravo suffoca o ai.
Que ferros! O cedro ingente
De um golpe derreia e cai;
Ceda a republica insana,
Se enfim não se desengana,
Espada pernambucana,
Desembainha-te e vai!

(...)
Guerreiro a morrer affeito
Defende o Brasil, que é seu;
A hora sôa no peito,
A cicatriz é tropheu.
Da pátria as manhans coradas,
As tardes acabocladadas,
Flores, mulheres amadas,
São estrophes de Tyrteu...

Partida de Voluntarios
(1865)

São elles que partem...Nos olhos vermelhos
Que accende a coragem, que inflamma o valor,
São raios do Norte. Lopez, de joelhos!
Estão quentes ainda das mãos do Senhor.

A pátria chamara-os. O espectro da morte
Lançou-se adiante: pozeram-se a rir...
Chamara-os de novo: pancada mais forte

Soou-lhes no peito: quizeram partir...

Sentiram-se presos. De um ímpeto os laços
Rebentam-se todos nos seus corações;
Int'resses, affectos, caprichos, abraços,
Cadeias de palha não prendem leões!

Caxias e Herval
(1868)

No céu, bem longe onde echoam
Da gloria os sons marciaes, n'altura em que os anjos voam,
Resplende um astro de mais;
É o corpo deste império,
Pedaço d'um hemispherio.
Que dá pr'a vinte nações:
É uma lasca do globo,
Que, das victorias no arroubo,
Voou ás constelações.

Á frente augusta da historia
Assoma um grupo immortal;
Que um mesmo raio de gloria
Ligou Caxias e Herval:
Fulgor de duas espadas,
Que, sóbrias, enfastiadas
Daquelle sangue servil,
São as pontas do compasso,
Que traçou larga no espaço
A evolução do Brasil!

Queda de Assumpção
(1870)

“Nas vascas de um sonho estranho,
(Diz o vate do Senhor)
Eu vi um povo rebanho,
Sem aprisco e sem pastor!
Eram profundas torrentes
D'homens robustos, valentes,
Que rolavam do aquilão;
Eram guerreiros sem dono!
E vi levantam-se um throno
Junto ás portas de Assumpção”

Cortezan dos dictadores,
Canta, folga, dança...Emfim
Tu vais cahir aos clangores
Do brasileiro clarim;
Sentindo que abrem teu peito,
Saltarás nua do leito
Em gritos de insensatez...
Ninguem rirá de teu pranto,
Que o imperador com seu manto
Cubrirá tua nudez!

Fim da Guerra
(maio de 1870)

Se há hora em que mais prezemos
O direito de morrer
Por aquillo a que devemos
Peito e braço offerecer,
É quando a alma estúa fremente,
Porque libérrima gente
Suffoca um povo servil!
E o astro acceso da gloria,
Mais o gládio da victoria,
Mais uma folha da historia
Reluz na mão do Brasil!

De sangue levada a custo
Venceu-se a lucta mortal;
E se sei que Deus foi justo,
Sei que foi imparcial!
Contra o ferro paraguay
Forja-se aqui muito raio;
Não há tremor, nem desmaios,
Nem lei que faça esbarrar.

Na hora do desengano
Cresce o valor sobrehumano
E a cabeça do tyranno
No abysmo ouviu-se rolar

(...)

Diante de um batalhão que voltava da campanha
(1870)

Lavas de gloria, aos terremotos d'alma,
Queimam os peitos de paixões estranhas:
É o povo que pesa os seus guerreiros,
Como os deuses pesavam as montanhas...

Homens do céu, phantasticos, enormes,
Que sondastes o golphão do heroísmo,
Inda tendes nos pés ensanguentados
Agarradas as perolas do abysmo!

(...)

Segundo Hermes Lima, poderíamos conjecturar que esses poemas grandiloquentes tocavam na vaidade do intelectual, no desejo de ser aceito, ouvido: “Amava o ruído das discussões, o fulgor e a atmosfera incandescente dos grandes auditórios. Inflamara

os corações evocando o heroísmo dos nossos soldados nos campos do Paraguai. Sua bela voz de tenor enchera os salões de versos na época dos recitativos”²⁵.

Referências

ALONSO, Angela. ***Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império***. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. ***Joaquim Nabuco: os salões e as ruas***. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BARRETO, Tobias. ***Crítica Literária***. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978.

_____. ***Crítica Literária***. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978.

_____. ***Monografias em Alemão***. São Paulo: Record, 1990.

BOSI, Alfredo. ***Dialética da Colonização***. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CARVALHO, José Murilo de. ***A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, João Cruz. ***O Pensamento Brasileiro sob o Império***. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). ***O Brasil Monárquico***. Vol.3: Reações e transações. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. ***História e historiadores: a política cultural do Estado Novo***. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. ***Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Nacional***. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 1, 1988.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. ***Raízes do Brasil***. 29.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Hermes. ***Tobias Barreto (a época e o homem)***. Segunda Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

ORTIZ, Renato. ***Cultura brasileira e identidade nacional***. In: Cadernos CERU, nº 17, 1982

ROMERO, Silvio. ***Explicações Indispensáveis***. In: BARRETO, Tobias. ***Obras completas***. Vol.X: Vários Escriptos, Edição do Estado do Sergipe, 1926.

SOUZA, Ricardo Luiz. ***Método, raça e identidade nacional em Sílvia Romero***. Revista de História Regional, 9(1): 9-30, 2004.

²⁵ LIMA, Op., cit., p. 13-4.